O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — Sábado, 26 de Junho de 1943 — N.º 1790

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ONZE ANOS DE COMANDO

Faz, no próximo dia 5 de Julho, 11 anos que assumiu as funções de Presidente do Conselho o sr. doutor Oliveira Salazar.

O professor que, com o seu saber, salvara financeiramente o país, ocuparia desde então—5 de Julho de 1932—o cargo de maior responsabilidade no Govêrno, aquele que, hieràrquicamente, coordena a acção de todos os ministérios em função do interêsse nacional. Se tinha sido milagrosa a tarefa de equilibrar um orçamento *tradicionalmente* deficitário, maior era, contudo, o trabalho, de vastíssimas perspectivas, de lançar a nação em empreendimentos construtivos, salvando-a do abismo a que a condenava a estagnação a que se habituara.

Salazar foi o primeiro a compreender que só o trabalho, para as nações como para os homens, assegura no Mundo de hoje os direitos de cada um. E na compreensão dessa verdade definiu em diplomas constitucionais a orgânica do Estado e do Império, os direitos individuais e colectivos, assegurando ao mesmo tempo ao determinismo histórico na vida portuguesa um papel de real orientação nos caminhos a seguir.

No ano seguinte, em 1933, a Constituïção e o Acto Colonial definiam a linha imperial da política portuguesa—imperial não só política, mas económica e moralmente—o Estatuto do Trabalho Nacional subordinava o trabalho à lei moral da corporação e ao sentido justo da competência, e, de então até agora, por todos os departamentos do Estado, sob a orientação de Salazar, uma obra espantosa de reforma moral e material se vem realizando. Velando por tudo e por todos em sobrehumana tarefa o Homem prossegue, a bem da nação. Sabe que o país tem novas estradas e portos, mas, como economista, quere melhor, porque os transportes são factor de mais perfeita distribuïção de bens pelo povo. Deu a Portugal nova marinha e novo exército para garantir e honrar os direitos que haja a defender e a missão que temos de prosseguir no Mundo. Sabe, como humanista, que a luz do espírito aclara as consciências e por isso quere que todos aprendam na História a lição a seguir. Sabe, como crente, que o homem vive para uma constante dignificação compatível com o seu princípio e fins divinos e por isso melhora os sistemas de aplicação da justiça. Por tudo isto, por quanto é digno e nobre, Salazar trabalha constantemente. Não há para êle desânimos, dificuldades que se não vençam. E a-pesar-de tudo isto, o renovador de uma Pátria de gigantes, não se embriaga com o poder, nem o abandona nas horas difíceis. Homem de Ideal, de mística nacional, trabalha sempre em benefício dos outros, alheio a fúteis manifestações, fiel àquêles princípios que serviu e cuja solução se impôs: os princípios da salvação nacional.

P. S.

Janelas floridas

A Câmara Municipal de Viana do Castelo deliberou fornecer gratuitamente novas plantas para substituírem as que há cêrca de dois anos, florescem as janelas e varandas da cidade, em virtude de alguns moradores as não terem ainda renovado.

A decisão teve o melhor acolhimento por estar no espírito dos vianenses tudo quanto concorra para engrandecer ainda mais a esbelta Princêsa do Lima.

O ano lectivo

Terminou em todo o país para dar princípio ao período de exames após o qual se iniciarão as férias grandes, ansiosamente esperadas.

Já no nosso tempo assim era...

DINHEIRO A RÔDOS

Segundo as estatísticas, em Dezembro de 1942 existiam, depositados nos Bancos portugueses, mais de 16 milhões de contos!

Pertencem, decerto, aos que sabem poupar...

PATRIOTISMO

—o—

Já atingiu a bonita soma de 90 contos a subscrição pública para o escadório monumental a construir no Parque de La-Salette, de que se orgulha a linda vila de Oliveira de Azemeis.

Os oliveirenses são assim: quando solicitam o seu concurso para qualquer obra de interesse público ou embelezamento—dão!

Um curso médico em Aveiro

Reunem hoje e àmanhã nesta cidade os antigos estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto que há dez anos concluiram a formatura e agora se encontram espalhados pelo país no exercício da sua profissão.

Vêm recordar a vida académica, escolhendo Aveiro, de onde são naturais dois condiscípulos, os drs. Humberto Leitão e Manuel Soares. A reünião vai ser motivo de intensa alegria e de mútua satisfação entre os esculápios, como tudo leva a crer.

O ponto de concentração está marcado para as 17 horas, junto do Hospital da Misericórdia, seguindo-se uma visita a êste e passeio pela cidade até às 21 horas em que na *Pensão Arcada* se iniciará o banquete de confraternização.

A'manhã terá lugar uma digressão pela ria com almôço regional na mata de S. Jacinto e na qual tomará parte a *Banda Amizade*, que executará vários números do seu reportório.

O Democrata, saudando os que escolheram esta terra para recordarem o passado e vivê-lo por algumas horas, deseja que todos as passem com alegria e satisfação.

O JORNAL

Considerações de uma fôlha da América do Norte:

O homem que sabe ler e não tem um jornal em casa, é como a pessoa que pode comer, apresentando-se-lhe pão, e morre de fome.

E' bem certo que tu gastas com qualquer bagatela mais do que necessitas para pagar uma subscrição. Toma, pois, uma assinatura, paga-a. Não há nada que dê pior ideia de uma pessoa do que o facto inverosímil e altamente humilhante dela assinar e não pagar, pois por pouca cousa fugimos a esta tristíssima vergonha.

Quem trapaceia, mesmo um níquel a um jornalista, é porque tem más entranhas. Essa é, infelizmente, a dura realidade; convence-te e desengana-te. Não leias coisas inúteis nem peças jornais emprestados a quem quer que seja, porque, sendo o jornal o pão, pedil-o emprestado para ler, é o mesmo que comer em casa alheia. Acostuma-te a ver que em tua casa não falte algum jornal e por via de regra paga pontualmente a tua assinatura. Não te arrependerás!

Um jornal é o amigo que nos visita e ensina muito. A leitura dos jornais torna-se indispensável. Uma pessoa, embora pobre, deve assinar, pelo menos, um jornal. Um jornal é um amigo que nos entra pela porta dentro e nos vai levar notícias de tôda a parte. O jornal é o advogado dos interêsses do povo, ao qual dedica as suas fôrças. O jornal é o propagandista que mais se empenha pelo desenvolvimento da indústria e do comércio.

O jornal é a tribuna pública onde se discutem todos os assuntos magnos de interêsse geral. O jornal instrúi; é, por assim dizer, uma escola que modifica o carácter do indivíduo e o habilita a acompanhar questões de alta importância.

No fim da vida

Àquêle avarento penhorista que, ao ver aproximar-se a morte, legou a sua fortuna aos pobres da terra onde nascera, querem alguns jornais considerá-lo como benemérito, não se lembrando de que o dinheiro deixado é o produto duma sórdida usura, visto ninguém lhe conhecer outros predicados que o impuzessem à consideração pública.

Não poude êle levar para o outro mundo tôda essa massa, os valores amontoados. Por que se pudesse, julgam que ficava cá alguma coisa?

Nem um centavo!

O egoísmo dêstes sujeitos é uma coisa feroz.

Memorando Teatral Aveirense

24, 25 e 26 de Junho de 1910 — Três espectáculos pela Companhia Portuguesa de Opera-Cómica e Opereta, com as peças: *A Mascote*, tradução de Eduardo Garrido; *A Viuva Alegre*, tradução de Castro Lopes, e *Sonho de Valsa*, traduzida por Ernesto Rodrigues. Desta companhia faziam parte, além de outros, os actores Leopoldo Froes, Simões Coelho, Alfredo de Sousa, Eduardo Barreiros e Henrique de Oliveira; e as actrizes Dolores Rentini, Berta de Albuquerque, Felismina Silva e Virginia Aço. Maestro, Tomás Del-Negro.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

IMPRENSA

O Figueirense

Duas dúzias de anos vem de assinalar êste nosso presado colega da Figueira da Foz, que Gomes de Almeida dirige proficientemente e mantem com galhardia, não obstante as dificuldades da hora presente. E' que ninguém calcula quanto custa a manter hoje um periódico devido às faltas, às peias a que tem de sujeitar-se, e ainda à carestia das matérias primas indispensáveis à sua confecção. *O Figueirense*, no entanto, singra e com isso nos congratulamos ao felicitá-lo por mais outro aniversário, pois se trata dum confrade ao qual estamos ligados por uma solidariedade nunca desmentida, devendo-lhe a Figueira e o Estado Novo algo pela forma como defende a política de engrandecimento colectivo.

Coronel Maçãs Fernandes

Tendo sido promovido a êste elevado pôsto do nosso Exército, depois das provas dadas no Instituto dos Altos Estudos Militares, em Caxias, foi, de novo, colocado no Regimento de Infantaria 10, tendo assumido, segunda-feira, o seu comando, o sr. João da Encarnação Maçãs Fernandes, que há anos presta serviço na guarnição de Aveiro.

Oficial distinto, o sr. coronel Maçãs Fernandes, que também possui o curso de engenharia, é muito considerado dentro das fileiras do Exército que tem servido com dedicação e patriotismo, assim como na classe civil, onde conta bastantes amizades, devido à afabilidade do seu trato e delicadeza das suas maneiras.

O Democrata, felicitando o ilustre oficial, confia na sua acção, que há-de ser profícua à frente das funções de que se acha investido.

Charlot casou

Os amores de Charlot continuam a dar que falar e que entender. O célebre artista de cinema casou. Mas não foi com Joan Barry; desposou outra, Ana O'Neil, que é filha do dramaturgo Eugene O'Neil, autor da peça *Electra e os fantasmas*, há pouco representada em Lisboa, e que, segundo dizem, é uma peça de respeito.

Para fugir, porém, aos repórteres dos jornais, que pretendiam entrevistá-lo, Charlot imprimiu mais velocidade ao carro onde ia com a esposa e caíu nas mãos da polícia!

Mais outra fita...

S. João

Foi festejado, como dissemos, na parada e salão dos Bombeiros Voluntários onde tocaram dois *jazzs* até à madrugada.

O *baylho santo*, na Barra, teve alguma concorrência.

Indústria de lacticínios

O Govêrno tomou providências no sentido de que não falte o leite indispensável ao funcionamento das fábricas do norte.

O exagêro da moda

E' preciso pôr-lhe côbro porque chega a ser indecente o que se está passando. Vejamos êste relato dum cronista da capital:

A gente, às vezes, perde a cabeça, mas com razão.

Se eu vier para a rua em cuecas, vem um polícia e prende-me. Se eu andar no Rossio em mangas de camisa, vem um polícia e manda-me vestir o casaco. Por que razão não intervém a polícia em certos casos que provocam a revolta de tôda a gente?

Ha dias, desci o Elevador da Glória e na plataforma da rectaguarda ia uma menina nêste preparo: um saiote mais de meio palmo acima dos joelhos; pernas sem meias com visiveis sinais de não terem visto água havia mais de oito dias; nos olhos uns oculos verdes cujos aros mediam, sem exagêro, seis centímetros e meio de diâmetro; nos lábios uma mistela encarnada, oleosa, que tinha um dêdo de largura fora da boca e se esborralhava tôda, ao centro, a cair sôbre a cova do queixo.

Acho que uma mulher não tem o direito de vir assim para a rua, pela mesma razão que eu não posso andar de cuecas ao léu, nem passear nas ruas da cidade em mangas de camisa. Que ela não tenha vergonha nenhuma na cara e tenha perdido por completo a dignidade, o pudor e o bom senso, vá. Mas que isso publicamente se consinta, acho forte. Legislou-se para as praias. Porque se não legisla para as ruas da cidade?

Eu não sou contra a liberdade de ninguém, mas isto não é liberdade, é pouca vergonha.

Parece-me que estamos, nêste caso, a confundir a legítima liberdade com a licença, reprimível porque é desvergonhada.

Carradas de razão assiste a quem assim escreve. Exagera-se extraordinàriamente a moda no nosso país. E isso além de ser indecoroso, até pode resultar um perigo para a saúde devido à absorção das tintas acumuladas nos lábios.

Entendemos, também, que é preciso bradar à geração feminina—alto, que é demais!

A' imprensa compete acompanhar, de perto, os que se insurgem contra o que para aí vai no capítulo do artifício e que transformou completamente a fisionomia da sociedade elegante.

Convençam-se as raparigas de que não são as pinturas nem os decotes que as valorizam. Antes pelo contrário. A mulher tem atractivos, tem dons naturais com que deve contar de preferência às exibições ridículas e pouco edificantes com que se apresenta.

Aconselhamos-lhe, portanto, moderação e respeito por si de modo a poder ser olhada por todos com a consideração que merece.

Dr. Joaquim Castro

Por um despacho do ministério da Justiça acaba de ser colocado na Relação de Lisboa o nosso velho amigo dr. Joaquim A. de Azevedo e Castro, que desempenhava as funções de inspector judiciário.

Congratulando-nos com o facto, felicitamos o integérrimo magistrado, que tanto se tem distinguido como arbitrador da Justiça.

Os ridículos

Respigamos dum diário da capital:

Aquêle que não tem valor, mas se julga superior a todos e o proclama aos quatro ventos, pondo-se em bicos de pés, para que o veja a multidão estarrecida e assombrada, faz pena. Mas o dó que infunde é ainda maior quando consente que o louvaminhem em público, crendo ingenuamente, que nós acreditemos nos méritos apregoados.

Os homens desta espécie vivem contentes, mas são infelizes. Vivem contentes porque se crêem insuperáveis. Mas são infelizes porque nos rimos dêles.

A quem servir a carapuça que a enterre.

O TEMPO

Nem o S. João foi susceptível de o modificar, fazendo cair do céu algum orvalho!

A sorte que nos espera...

No Rossio

Realiza-se esta noite junto do Pavilhão, arraial ao ar livre com iluminação à veneziana, abrilhantado pela *Orquestra Jazz Pirâmide* e àmanhã, no vasto salão, haverá *matinée* dedicada à sociedade elegante da nossa terra.

Tudo para despertar a mocidade.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

A Indústria e o Comércio do Sal

O nosso conterrâneo, sr. dr. António Cristo, proferiu no dia 8 de Abril, na Assembleia Nacional, de que é membro, um discurso sôbre a indústria do sal, chamando a atenção do Govêrno para o que interessa fazer em defeza das economias regionais, principalmente. Êsse discurso acaba de aparecer publicado e ao lê-lo só temos que felicitar o sr. dr. António Cristo pela sua atitude perante o magno problema, tão discutido nos últimos tempos.

HOMENAGEM PÓSTUMA

Foi inaugurado, no Liceu, o busto dum antigo professor

João da Maia Romão desde quarta-feira que tem perpetuada a sua memória no Liceu de José Estêvão, de que fôra professor por espaço de muitos anos.

Seu filho, o escultor Romão Júnior, mestre de modelação e desenho da Escola Industrial e Comercial Fernando Caldeira, executara o busto do seu progenitor e oferecera-o ao nosso primeiro estabelecimento de ensino e o reitor, sr. dr. José Tavares, fê-lo inaugurar solenemente na manhã do dia 23 na sala da Biblioteca, que se encheu de estudantes e convidados.

Formada por êste a mesa, tendo à direita o antigo inspector escolar, sr. Manuel da Maia Romão, e à esquerda o sr. capitão de mar e guerra Rocha e Cunha, foi concedida a palavra ao professor

Dr. Assis Maia

Eis alguns passos do seu discurso:

As mãos do distinto artista, que é Romão Júnior, tocadas pela piedade filial, ressuscitaram—não é milagre!—o antigo professor e restituiram-no ao lugar, onde, durante longos anos, e com competência inexcedível, exercera o ensino de uma das mais delicadas e importantes disciplinas—o Desenho.

O rigor, a medida exacta, o sentido das proporções, a elegância, a leveza das linhas e dos traços, as sombras, os perfis, etc.—tudo ensinou com mestria sem igual, porque era competentíssimo e fôra pela Natureza dotado de rara habilidade.

Além de muito competente, foi o professor Maia Romão modêlo de modéstia e de bondade, qualidades que revelou possuir no mais alto grau. São elas as que mais se impõem à nossa admiração: elas distinguem o verdadeiro mérito. A violeta, de tão delicioso perfume—quem o não sabe?—vive escondida no meio de plantas humildes... A pérola—que maravilha!—escondida está também no fundo do mar. Quem a quizer obter, terá de ir desencantá-la às profundidades do oceano misterioso!

A bondade—eis o sublime ornamento da alma humana.

Jesus, no martírio infamante a que os seus algozes o sujeitaram, elevou-se à suprema altura do perdão, pedindo a seu Pai que... perdoasse aos seus inimigos... Raro condão de eleitos, sempre prontos a dar aos outros, pròdigamente, abundantes, inequívocas provas de ternura. Que corações! Que riqueza! Ser rico de bondade, para perdoar, até, aos inimigos!

Mais alto subiu ainda essa alma, que estou a ver rodeada do respeito, da consideração e do carinho de to-

dos os seus conciuadãos, de todos os aveirenses: era a modéstia em pessoa.

Almas assim—apagando-se diante dos outros, escondendo-se, ignorantes do seu real valor, desconhecendo o abundante manancial das riquezas que Deus lhe dera—são elas as almas grandes, aquelas que—diz-se—iluminam o Mundo.

Sem dúvida, merecem o tributo da nossa mais rendida homenagem.

. . . .

A vida do professor Romão foi exemplo edificante para todos nós: mestres e discípulos.

Saibamos, pois, imitá-lo—na doçura do seu trato, na ternura do seu coração e na encantadora modéstia da sua alma simples, sincera e boa.

Não esqueçamos que aumentando o número dos bons, maior será o bem que se espargirá sôbre a terra.

E a vida—assim o creio—tornar-se-á, como todos veementemente desejamos, mais digna, mais nobre e mais bela.

Uma revoada de palmas abafa as últimas palavras do orador, ao qual se segue o sr.

Dr. José Tavares

Falando da sua entrada no Liceu, como aluno, há quarenta e um anos, evocou a memória dos professores e reitor de então e referiu-se à aura de respeito de que gozava o prof. João da Maia Romão, havia pouco reformado.

Disse que o busto, que naquela sessão e por proposta do prof. Assis Maia ia ser inaugurado, fôra oferecido pelo filho do antigo professor, José da Maia Romão Júnior, que já oferecera ao Liceu a magistral modelação da mão direita do seu progenitor, por ocasião da sua morte.

Expôs, em resumo, a vida docente do homenageado, por duas vezes reitor interino (1892, 1894); aludiu à sua acção como presidente da Comissão da estátua de José Estêvão, e, vincando bem a faceta de bondade que caracterizava o professor, leu o seguinte soneto, da autoria do falecido P.e Vieira, seu discípulo 20 anos antes de ser seu colega, que o recitou na festa realizada a 22 de Fevereiro de 1899 em honra de Maia Romão, na altura em que foi reformado:

Santo do dia

Alma feita da Luz da madrugada,
Sem-n'a mais leve sombra *d'impureza,*
Amorosa, natural, tão bem *formada*
Duma rara *modéstia* e *singeleza*...

Foi sempre... *pai e mãe* da *rapaziada,*
—Contraste do rigor e da aspereza,
Nas aulas, nos exames—desfraldada
Bandeira do perdão—cobrindo a mesa.

Não teve em tôda a vida um só rancor...
E nem tem, que se saiba, um inimigo,
Êste *santo,* êste *alminha do Senhor!*

Ao *mestre,* pois, *tão bom, tão nosso amigo,*
Consagre a gratidão o seu penhor.
Em honra de Romão—*bebei comigo.*

Por fim, fez várias considerações a respeito das relações que devem existir entre os alunos que vão saindo e os mestres que ficam, e terminou louvando o artista José Romão pela ternura filial que representava o oferecimento do busto, agradecendo-lhe a nova dádiva e convidando o antigo inspector escolar Maia Romão, um dos secretários da mesa, a descobrir o busto, que constituia mais uma valiosa afirmação do talento artístico do escultor, honra da cidade de Aveiro, a quem se deviam, por exemplo, os bustos de Camilo, Eça, Antero, Tomaz Ribeiro, Teófilo Braga e Guerra Junqueiro, que ornamentam a sala de vendas da Livraria Lelo, do Porto, e a do Cego do Maio, que se admira numa das praças da Povoa de Varzim.

Outra salva de palmas e é, então convidado a descerrar o busto do nosso ilustre e saüdoso conterrâneo, o sr. Manuel da Maia Romão, parente do homenageado, que antes de ser encerrada a sessão proferiu palavras de reconhecimento pela maneira como o corpo docente do Liceu se manifestou perante a memória do inolvidável mestre, que tão bem soube vincar a sua personalidade naquela casa de ensino.

O Democrata fez-se representar por quem o dirige, visto ter sido um dos muitos admiradores do artista e dos méritos que o impuzeram à consideração de tôda a gente.

* * *

De Lisboa foi recebido êste telegrama:

Associo-me à justa homenagem à memória do saüdoso professor Maia Romão e saúdo Ex.mo corpo docente dêsse liceu.

a) Coronel Oliveira Simões

Crónica alfacinha

Cinismo e vaidade

Dois defeitos terríveis colocam os seres humanos no mais baixo plano moral e contribuem para a ruina da sociedade. São êles: o cinismo e a vaidade. Embora diferentes um do outro não sei dizer qual seja o pior; mas enquanto o vaidoso se deprime a si próprio em primeiro lugar, jugando elevar-se, o cinico atormenta e causa dano na pessoa do próximo.

O vaidoso mente constantemente para subir ao castelo de felicidade que idealizou. Para isso passa fome e frio sem se queixar; deprime os amigos, julgando-se num plano mais alto quando, na realidade, é muito menos do que êles. Supõe-se escritor, sendo, apenas, plagiário; pavoneia-se com uma coroa que veio até êle muitas vezes envolta em sangue, mas que êle julga superior a tudo; exerce sôbre os servidores uma tirania estúpida, convencendo-se que o adoram quando apenas consegue ser odiado e desprezado. Ri-se de ver o semelhante nobremente humilde, supõe-o inferior, envergonha-se de caminhar a seu lado e um dia, quando a verdade aparece e faz ruir êsse castelo imaginário criado de vaidades sôbre vaidades, sente-se mais humilde do que aquêles que outrora amesquinhava; pesa sôbre si tôda a maldade em que se envolvia.

O vaidoso cobre-se com uma capa de lentejoulas e papel brilhante que arrasta com gestos de ridícula imponência, sem reparar que uma única gota de água da verdade pode esfrangalhar-lho num momento.

O cínico mente da mesma forma não só para se elevar mas também pelo prazer de destruir a felicidade do próximo. Finge-se o amigo íntimo; adoça a voz e redobra de carinho ao falar; sacrifica-se até para arrancar um segrêdo e logo que o consegue espalha-o aos quatro ventos sem pudor. O cínico é como o reptil nojento que rasteja até encontrar a vítima que há-de sugar e matar. O cínico passa tempo infinito colaborando para um plano, supomos de política, e depois de inteirado completamente dos desejos dos que nêle confiam vai denunciá-los. Êle explora o semelhante, aceita, a sorrir, a esmola dum benfeitor e a seguir difama-o. O cínico põe as mãos e ajoelha para blasfemar. Visita um moribundo para mais depressa o matar embora diga que o faz por caridade. Apregoa moral e pratica as mais repugnantes imoralidades. E' um covarde. E quando um indivíduo reune em si êstes dois repugnantes defeitos deixa de ser homem para se transformar num réptil asqueroso.

Contudo quantos dêstes animais repelentes babam a humanidade! Por causa dêles quanta miséria, quanta lágrima, quantos desgostos!

Devemos fazer um estudo consciencioso de todo o indivíduo que de nós se aproxime e quando encontrarmos alguém cínico e vaidoso em lugar de nos calarmos devemos dar o sinal de alarme; é um crime encobrirmos um criminoso e quem possue êstes defeitos é forçosamente um criminoso.

Lisboa, 22-6-943

de Palermo

Além túmulo

Cap. José A. Gonçalves

Vai fazer, depois de àmanhã, sete anos que a morte atirou para a sepultura êste brioso oficial de Cavalaria, que num cemitério dos subúrbios de Bragança dorme o sono eterno.

Conhecemo-lo quando fez parte duma Comissão de Censura e nunca mais o esquecemos, tantas foram as provas de lealdade que nos deu durante o tempo que desempenhou aquelas funções, que, por vezes, nos sentiamos confundidos perante as facilidades concedidas, sem, contudo, deixar de cumprir rigorosamente os deveres que o cargo impunha. E' que ao capitão José António Gonçalves não era indiferente esta ingrata e espinhosa tarefa da imprensa, que lhe era tão simpática, e por isso a acarinhava, esforçando-se, ao máximo, para lhe não criar dificuldades.

Era assim o bondoso militar, que tantas vezes recordamos e a cuja memória prestamos, nestas despretenciosas linhas, singela homenagem, no aniversário do seu falecimento.

Melhoramentos

Na vila de Vagos estão prestes a concluir-se as obras do quartel dos bombeiros onde devem também instalar-se a repartição do Registo Civil, cartório do notariado e a Biblioteca Municipal de João Grave, isto a expensas da Câmara, enquanto a Junta Autónoma da Ria e Barra tem a seu cargo a reconstrução a paralelipipedos do acesso ao cais fluvial do Cabeço das Pedras, cuja inauguração deve, igualmente, estar para breve.

E assim se vai engrandecendo o fértil concelho do nosso distrito pelo qual tanta afeição temos, desejando-lhe, por isso, as maiores prosperidades.

Visitai o Parque da Cidade

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a menina Maria de Lourdes de Melo Moreira, filha da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira, e os srs. tenente Júlio Durão, João Baptista Guimarães, empregado na filial da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, e Manuel Luís Coimbra, residente em Lisboa; no dia 28, a menina Maria Emília Arroja, irmã do sr. José Martins Arroja, e as interessantes Maria de Fátima Lima e Maria Helena Sobreiro Vidal, filhas, respectivamente, dos srs. tenente José Barata Freire de Lima, comandante da secção da Guarda Fiscal de Mourão (Alentejo) e dr. Carlos de Almeida Vidal, médico na Costa do Valado; em 29, a sr.ª D. Isaura Farto Branquinho e o nosso amigo Severiano Ferreira Neves, professor oficial em Esgueira; em 30, a sr.ª D. Alice Bessa de Brito, esposa do sr. capitão Alfredo de Brito, residente em Lisboa, e o inocente José Guilherme Lima Pinto, filho do sr. Artur José Pinto Júnior, do Pôrto; em 1 de Julho, as sr.as D. Maria Melo e Costa, professora na Escola Feminina da Glória e D. Hermenigilda Jubero Belo, esposa do sr. João Belo, da firma Belo & Morais, *e o sr. João Evangelista Sarabando, funcionário da Direcção de Finanças; e em 2, a sr.ª D. Maria Amélia Teixeira de Sousa, filha do sr. Amadeu de Sousa, e os srs. Orlando Trindade, da firma* Trindade, Filhos, *e Manuel Branco Lopes, 2.º tenente da Armada.*

Partidas e Chegadas

A-fim-de se retemperar do clima africano, encontra-se em Bustelo (Oliveira de Azemeis) a passar algum tempo o sr. Abel Ferreira da Costa, nosso assinante da Guiné.

Cumprimentamo-lo.

—Estiveram nesta cidade os srs. Joaquim Ferreira de Oliveira, antigo director de Finanças, da Mealhada; Alexandre Gigante, de Viana do Castelo, e Joaquim de Macedo Vieira, residente no Pôrto.

Doentes

Em Vagos encontra-se com a saúde bastante abalada a sr.ª D. Isolina Vidal, filha do nosso malogrado amigo dr. António Lúcio Vidal, há meses falecido naquela vila.

Sentimos.

—Em Braga também se encontra bastante mal a mãe do sr. tenente Joaquim de Matos que por êsse motivo seguiu para aquela cidade.

Desejamos as suas melhoras.

Carta de Lisboa

Um aniversário

Para comemorar a passagem do 4.º aniversário do início da segunda viagem presidencial às províncias de Além-mar, publicou o *Diário da Manhã* uma notável e oportuna entrevista com o sr. Presidente da República.

O venerando Chefe do Estado, depois de recordar o triunfo que foi a sua ida ao Ultramar, afirmou ao sr. dr. Manuel Múrias—o ilustre jornalista que o entrevistou:

«—Bem vê: era necessário mostrar aos olhos dos portugueses e do Mundo como é forte e inabalável a unidade moral do Império.»

E mais adiante, referindo-se à acção dos portugueses em terras do Império, o sr. General Carmona salientou:

«—Quem viu os portugueses de além-mar, quem os viu lá nunca mais os esquece, com certeza. E nunca duvida do sentido superior da nossa actividade colonizadora. Nunca mais».

Palavras da maior autoridade por virem de quem vêm, elas revestem, neste momento, uma excepcional e expressiva significação.

No momento em que um vento da pior e mais perigosa desorientação arrasta povos e nações por trilhos que só Deus sabe onde poderão conduzir, sabe bem ouvir da bôca do Chefe do Estado o registo do que é e vale a forte e inabalável unidade moral do Império. Foi, de facto, para a verificar, e mais do que isso, consolidar, que o sr. General Carmona com evidente sacrifício da sua comodidade e da sua saúde percorreu já por duas vezes, algumas das nossas principais províncias ultramarinas.

Portugal de aquém e além-mar, nunca é demais afirmá-lo, na hora em que se recorda o início da segunda viagem presidencial ao Ultramar, forma um todo a que dá admirável garantia e certeza de triunfo, «o sentido superior da actividade colonizadora dos portugueses» que vivem nas nossas províncias ultramarinas. E' graças a êsses homens, obscuros e desconhecidos construtores do Império, que Portugal ocupa ainda tão grande lugar no conceito das nações e dos povos.

Cardial Patriarca

Lisboa celebrou, há pouco, o 15.º aniversário da sagração episcopal de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca. Os quinze anos de episcopado do Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira são um capítulo admirável na história contemporânea da Igreja em Portugal. Na acção renovadora que tem caracterizado tôda a vida portuguesa dos últimos anos, tem o Senhor Cardial Patriarca tido a melhor e mais notável parte, razão porque o 15.º aniversário da sua sagração episcopal foi um acontecimento que todos os católicos do Patriarcado celebraram, com o maior e mais compreensível júbilo.

CORDEIRO GOMES

O inimigo n.º 1 do lavrador

Um dos mais perigosos inimigos dos batatais, dos tomateiros e das beringelas é o *escaravelho americano*, cujas características, no insecto adulto, são as seguintes: forma oval, dorso abaulado e face ventral plana. Apresenta as asas superiores de côr de limão com dez linhas pretas longitudinais, e as anteriores, membranosas, de côr rosada. O torax é de côr de laranja com onze pintas em forma de V.

Lemos num artigo especializado, que «a fêmea, vivendo dois anos, pode pôr 2.500 ovos, e o Ministério da Agricultura de França demonstrou que em ano e meio os descendentes duma única fêmea atingem oito biliões e devoram 650 hectares de batatas».

Isto importa dizer que se torna indispensável promover guerra sem quartel contra êste inimigo terrível do lavrador.

O Organismo Técnico dos Serviços Agrícolas aconselha a apanha imediata de todos os insectos adultos, larvas e ovos do escaravelho, lançando-os numa pequena vasilha contendo água e petróleo (um decilitro de petróleo por litro de água), enquanto o local não fôr visitado pelos técnicos oficiais, *que darão tôda a assistência e facilidades.*

Atenção para a 4.ª página

A' MARGEM DA GUERRA

QUANDO OS PODEROSOS E RÁPIDOS TANQUES AMERICANOS, INTEGRADOS NO OITAVO EXÉRCITO, AVANÇAVAM PELA TUNÍSIA

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR 15-4-1937

Os "zarolhos"

Entre as minhas leituras predilectas, encontram-se os *Discursos* de Salazar. Folheio-os com freqüência e muitas vezes fico perplexo com o surpreendente profético das suas páginas. Regimes e sistemas, doutrinas e homens, nacionalidades e internacionalismos estão desmascarados com firme simplicidade nas palavras do egrégio estadista. Só os «zarolhos» o não vêem. Estude o leitor a substância da legenda acima e diga, em consciência, se não está ali o que só foi realidade passados mais de quatro anos!

A América em marcha...

De facto, marcha. O idealismo utópico da democracia faliu, ali, nas mãos do seu maior representante: o Presidente Roosevelt. Êle próprio o dá a conhecer, em radiodifusões constantes, ao resto do mundo.

Por exemplo: na conferência das subsistências em Hot Springs, só dois países discordaram, por motivos diversos, da rigidez matemática que o famoso Presidente quere dar ao problema da alimentação internacional. Um por excesso de abundância; outro por excesso de fome: *a)* o Brasil, que é o país mais rico do mundo; e *b)* a União Soviética, cujo representante «salientou que o seu govêrno não tinha qualquer interêsse pelo problema da alimentação do mundo, enquanto os fornecimentos por conta da *lei de emprêstimo e aluguer* não bastassem para assegurar a alimentação do povo russo».

Mas, ¿que pretende Roosevelt?

Só que «a alimentação das populações não continue como até aqui, entregue *ao simples acaso*». Quere dizer: repúdio absoluto, na prática, de tôda a espécie de economia liberal. De facto, as circunstâncias é que levaram o Presidente Roosevelt a pôr de lado o velho sistema, em virtude do seguinte: «As doenças provenientes da alimentação que grassam nos Estados Unidos, a sub-alimentação de milhões de pessoas e a elevada percentagem de tuberculosos confirmam que nos E. U. a alimentação de cada indivíduo depende do acaso, isto é, duma bôlsa de dinheiro», «apesar da abundância existente no país e do *regabofe gastronómico* (sic) de outras classes sociais». Por isso, economia dirigida, com «um aumento da produção, um melhor aproveitamento do solo e adaptação da produção agrícola ao consumo», para os E. U. Os outros países e continentes terão papeis próprios: «A Europa... transformada numa grande hôrta e num centro de criação de porcos, ainda que tenha de importar forragens do ultramar» e fique na dependência dos países marítimos.

Notável é o caminho seguido nos processos de govêrno em oposição à democracia.

Para onde marcham os Estados Unidos? Para o totalitarismo ou para o comunismo? Seja como fôr, o que se divisa já claramente é que marcham para qualquer coisa do novo e de contraditório com os seus ideais proclamados. Se daqui fôsse ouvido, eu recomendaria os processos de Salazar.

Fisiologia do trabalho

Que o homem não é máquina produtora de trabalho, é verdade geralmente sabida, embora nem sempre respeitada. O que é novo é o estudo fisiológico sôbre a sua capacidade de rendimento, de modo a aumentá-la sem prejuízo da saúde ou da vitalidade. Para êsse estudo consideram-se factores estranhos ao homem e factores próprios do homem, indo até investigação psicológica. A *capacidade de rendimento* está, assim, na dependência da *disposição para o rendimento* e da *vontade de rendimento*. Para que o trabalho seja útil requerem-se *períodos de embalagem* e descansos regulares.

O Instituto do Imperador Guilherme para a Fisiologia do Trabalho, instalado em Dortmund, conseguiu descobrir o *ritmo determinado* para que o trabalho seja rendoso e constante.

Considerando 100 % o rendimento máximo, no fim da semana êsse rendimento baixa 87 %; no domingo regista-se já 89 %; na segunda-feira, 91 %; na terça, 97 %; na quarta 100 %; na quinta e na sexta desce para 88 %.

No decorrer do dia, verifica-se o mesmo período de embalagem e o mesmo ritmo. Pela manhã, a capacidade de rendimento é menor; mas aumenta depressa e desce, de novo, pelo meio dia; de tarde sobe outra vez, sem, contudo, atingir o nível da manhã. A relação entre o trabalho e o repouso foi estudada no coração pelo professor teutónico de Dortmund, Atzler, para quem é preciso haver «justa relação entre trabalho e repouso». A fisiologia do trabalho é um ramo das Ciências Naturais. Um outro professor, também teutónico, o Dr. G. Lehmann, estudou a acção de estimulantes para aumentar a capacidade de trabalho: cafeína, cola, nicotina, etc. Mas o trabalho não resultou nem mais económico, nem mais favorável, nem de natureza qualitativa; levou, contudo, a um progressivo esgotamento, porque o aumento resultou «à custa das reservas de rendimento».

Outras experiências do Dr. Helmut Bennig dirigiram-se para a modificação do conteúdo dos ácidos no organismo. O que, no entanto, se concluí é que o corpo humano é uma coisa respeitável cujo trabalho não pode explorar-se em acelerado, mas em proporções que a ciência já determinou.

Para que sirva aos esclavagistas do nosso tempo, a quem Salazar pôs um freio.

Pobre China!

O regime de Chang-Kai-Chek sempre mereceu a minha simpatia. Era, de facto, um dos govêrnos extremo-orientais mais conformes com os govêrnos europeus. A guerra com o Japão atirou-o para uma das incongruências paradoxais, logo que rebentou esta guerra. Nacionalista, ao lado dos bolchevistas; autoritário, ao lado das democracias.

A revista americana *Time*, que se vende e lê muito em Portugal, no seu número de Maio, escreve: «Nunca reinou em Xunquim uma atmosfera tão desesperada como actualmente»...

«As deficiências de alimentação e a fome quebraram não só a fôrça vital da população e do exército como também das camadas intelectuais que formam os chefes do país. Após 6 anos de bloqueio, a China está económica e militarmente enfraquecida, e abandonada à maior inflacção que a história da A'sia jámais viu. Paralizou todo o tráfego motorizado. Já quási não há outro transporte que não seja o burro, a carroça e o andar a pé. O tráfego encontra-se, pois, pràticamente paralizado, e a cidade de Xunquim está repleta de refugiados vindos das regiões costeiras, os quais se encontram esfomeados e na miséria, não tendo outro desejo senão que a guerra acabe.

A deficiência de alimentação em geral, o desânimo e uma profunda depressão dominam por todo o lado. O subôrno e a intrujice estão em Xunquim na ordem do dia.»

Outras coisas, do mesmo género, dizem a *Leife* e a *New Republic*, mas fica para outra vez.

Pobre China! Tão grande e tão rica, é já uma vítima!

Produzir e poupar é contribuir para garantir o abastecimento da Nação.

O arroz é fundamental na alimentação dos portugueses.

Impõe-se por isso o seu cultivo.

Estão assegurados os combustíveis líquidos para elevação das águas de rega e o **sulfato de amónio** necessário para a cultura.

É dever patriótico aproveitar tôdas as autorizações para cultivar arroz.

Correspondências

Esgueira, 24

Nos jogos de *basket*, efectuados domingo, as primeiras categorias e as reservas da Casa do Povo venceram, respectivamente, o *Aliança F. Club*, de Ovar por 38-26 e 24-15.

Depois dos encontros foi servido um *lunche* aos ovarenses e à noite foi-lhes dedicado um baile.

— O nosso concorrente à prova dos 3.000 metros, efectuada no mesmo dia, teve que ceder o primeiro lugar a favor do concorrente de Ovar que, durante o percurso, mostrou ter mais técnica e mais possibilidades para ganhar.

De facto assim sucedeu, vencendo o melhor.

—Num torneio de tiro aos pombos, há pouco efectuado nessa cidade, ficou classificado em segundo lugar o nosso amigo Joaquim de Pinho que por isso foi muito felicitado.

Tomaram parte atiradores de categoria o que mais valorizou aquela classificação.

— E' hoje dia de S. João, que noutros tempos foi festejado com ruído na nossa terra.

C.

Costa do Valado, 24

Teve lugar o *Baile da Borboleta* no Recreio Musical, que decorreu animadíssimo, terminando de madrugada.

Foi, como dissemos, em benefício dos pobres da freguesia. Abrilhantou-o a orquestra-jazz *Os Fininhos* e nêle sobressaíram muitas meninas pela sua galanteria.

Felicitamos os promotores.

—O S. João passou quási despercebido. Apenas aqui e ali algumas fogueiras, mas sem animação.

C.

Oliveirinha, 24

Efectua-se no domingo a festividade do Corpo de Deus, com comunhão às crianças, e que costuma ser revestida de grande pompa.

Depois da missa solene haverá procissão que percorrerá as principais ruas da terra.

—Finou-se na Moita, após uma operação a que teve de submeter-se devido à gravidade da doença, o sr. Ernesto de Oliveira, de 51 anos de idade.

Era muito considerado em tôda a freguesia, pelo que o seu funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar.

Conduziu a chave da urna o sr. Luís de Almeida Vidal.

Deixa viúva e três filhos, apresentando nós pêsames a tôda a família enlutada.

C.

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

2.ª publicação

Pela Comissão de Assistência Judiciária da comarca de Aveiro, 1.ª Secção-1.ª Vara—correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação dêste anúncio, citando o requerido João Simões Dias Pereira, casado, agricultor, ausente em parte incerta e com último domicílio no lugar de Ouca, desta comarca, para no praso de 5 dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de Assistência Judiciária, requerido por Maria de Oliveira, solteira, maior, agricultora, de Ouca, na qualidade de representante legal de sua filha menor impubere Pureza Nunes de Oliveira, para o fim de instaurar uma acção de investigação de paternidade ilegítima.

Aveiro, 27 de Maio de 1943.

Verifiquei:

O Presidente da Assistência Judiciária
Fernando Moreira

O Chefe de Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Secção Desportiva

Basket-Ball

Depois de ter ganho o campeonato distrital, sem qualquer derrota, o *Club dos Galitos* bateu no seu primeiro jôgo extra-oficial, o *Académico*, do Porto, por 40 pontos contra 33, no Campo do Parque.

É sintomático.

NECROLOGIA

Faleceram: no bairro piscatório, Francisco Rodrigues da Paula, casado, de 70 anos, sogro do comerciante sr. Ernesto Vieira e no Alboi, Maria Francisca Nunes de Azevedo, viúva, de 78, natural da Murtosa, e mãe do sr. Tibúrcio Carapina, oficial de diligências.

A's famílias enlutadas as nossas condolências.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 27 de Junho de 1943 (às 15,30 e 21,30 horas)

A velha ama

com a genial Bette Davis

Terça-feira, 29 (às 21,30 horas)

O Bombardeiro

com Errol Tlyn, Fred Mac Murray e Ralph Belamy

Quinta-feira, 1 de Julho (às 21,30 h.)

Navios com azas

BREVEMENTE:

O Costa do Castelo

Agradecimento

João Simões de Almeida e João Carlos Gadim Almeida na impossibilidade, devido à falta de endereços, de agradecerem a tôdas as pessoas que acompanharam à última morada sua esposa e mãi, Maria do Cardal Gadim, vêm por êste meio reparar qualquer falta, manifestando-lhes o seu reconhecimento.

Aveiro, 21 de Junho de 1943.

Agradecimento

A família de Agostinho Miguels Picado, reconhecida às pessoas que acompanharam o extinto à última morada, agradece lhes a deferência e vem reparar qualquer falta em que involuntàriamente haja incorrido.

Aveiro, 24 de Junho de 1943.

Agradecimento

A família de Ernesto de Oliveira, da Moita da Oliveirinha, manifesta por êste meio o seu reconhecimento às pessoas que durante a doença que o vitimou se interessaram pelo seu estado e depois do desenlace se incorporaram no funeral ou de qualquer outra forma se associaram ao luto que a envolve.

A todos aqui deixa exarada a sua gratidão.

Oliveirinha, 24 de Junho de 1943.